

DESPERTE SUA GENIALIDADE

Fuja da Conformidade,
Estimule a Criatividade &
Torne-se Extraordinário

Ozan Varol



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2024

Sumário

Introdução	XI
Um Recado Deste Livro para Você	XIX
PARTE I: A Morte	1
1. Deseduque	3
2. Descarte	13
3. Desintoxique	37
PARTE II: O Nascimento	59
4. Espetacularmente Você	61
5. Descubra Sua Missão	85
PARTE III: A Jornada Interior	107
6. Destrave a Sabedoria Interior	109
7. Liberte o Poder da Diversão	131
8. Ouse Criar	145
PARTE IV: A Jornada Exterior	167
9. Detectando Besteiras	169
10. Olhe Onde os Outros Não Olham	189
11. Não Sou Seu Guru	205

PARTE V: A Transformação	217
12. Liberte Seu Futuro	219
13. Metamorfose	229
Epílogo	237
Quais São os Próximos Passos?	239
Agradecimentos	241
Notas	243

AMOSTRA

PARTE I

A Morte

A Parte I tem três capítulos:

- 1. Deseduque:** sobre reparar os danos causados pelo sistema educacional.
- 2. Descarte:** sobre deixar quem você não é para que possa descobrir quem é.
- 3. Desintoxique:** sobre organizar sua mente para que possa ver a sabedoria interior e se concentrar no que importa.

No percurso, revelarei:

- Um dos piores conselhos (que é frequentemente repetido).
- Por que a persistência pode sair pela culatra.
- Uma maneira contraintuitiva de gerar ideias originais.
- Seu recurso mais escasso (dica: não é tempo e nem dinheiro).
- O que a cobra pode ensinar sobre viver do seu jeito.
- O lado sombrio da meditação.
- As três táticas que uso para manter a mente aberta e evitar o viés de confirmação.
- Por que você nunca se sentirá “a par de tudo” (e o que fazer sobre isso).
- A maior mentira que nos contaram sobre produtividade.
- A única emoção pela qual ansiamos — e como ela pode ajudá-lo a se ver com mais clareza.

AMOSTRA

Deseduque

*Reexamine tudo o que lhe foi dito na escola,
na igreja ou em qualquer livro, descarte
aquilo que insulta sua própria alma.*

— WALT WHITMAN,
PREFÁCIO FOLHAS DE RELVA

“Não há nada de errado com esta criança”

Gillian Lynne era considerada uma criança problemática.¹ Ela não se saiu muito bem na escola e não conseguia ficar parada, muito menos se concentrar. Era tão hiperativa que as pessoas a chamavam de Wriggle Bottom [Bumbum Dançante, em tradução livre].

Isso foi na década de 1930, na Grã-Bretanha, e a sigla TDAH nem existia. Preocupada com o fato de sua filha ter um distúrbio, a mãe de Lynne a levou a um médico, e essa consulta mudaria radicalmente o curso da vida da menina.

O importante foi o que o médico *não* fez; não rotulou Lynne como “difícil”, não disse a ela para se acalmar nem a medicou automaticamente.

Em vez disso, decidiu seguir um palpite — ligou o rádio e pediu à mãe de Lynne que saísse do quarto com ele.

No minuto em que os adultos saíram, o corpo de Lynne começou a se mexer. Enquanto a música enchia o ar, ela não conseguia se

conter e começou a dançar por toda a sala, até pulando na mesa do médico. “O que eu não tinha notado”, Lynne escreveu em sua autobiografia, “era que a porta dele era uma daquelas lindas e antigas, de vidro com desenhos gravados, e o médico e minha mãe estavam observando através dela”.²

Enquanto observava Lynne dançar, o médico sorriu e se virou para a mãe.

“Não há nada de errado com essa criança. Ela é uma dançarina nata, você deve levá-la imediatamente para a aula de dança.”

(Podemos pausar a história aqui por um segundo? Que médico *incrível!*)

Essa receita — *levá-la para a aula de dança* — mudou a vida de Lynne. Quando chegou à escola de dança, ela encontrou uma sala inteira de pessoas como ela — “pessoas que tinham que se mexer para pensar”, como ela afirmou.

Em seguida, veio uma vida inteira na dança. Lynne dançou no Royal Ballet e coreografou *Cats* e *O Fantasma da Ópera*, dois dos espetáculos mais antigos ainda em atividade na história da Broadway. Ao lembrar do momento no consultório, Lynne disse: “Eu realmente devo toda a minha carreira... e suponho que minha vida a esse homem.”

A maioria das escolas trata os alunos da mesma forma que as companhias aéreas tratam os passageiros da classe econômica. O mesmo saco de pretzels é servido em cada assento apertado. Independentemente de suas percepções e curiosidades únicas, cada aluno recebe o mesmo currículo, as mesmas lições e as mesmas fórmulas.

Eficiente? Sim. Eficaz? Não.

É difícil fazer com que as pessoas se interessem por um assunto com o qual não se importam. Quando era estudante, o astrônomo Carl Sagan odiava cálculo.³ Ele acreditava que o cálculo havia sido inventado por educadores mal-intencionados para “fins de intimidação”, mudando de opinião apenas depois de ler o livro *Voo Interplanetário*, de Arthur C. Clarke. No livro, Clarke usou o cálculo para calcular trajetórias interplanetárias. Em vez de acatar quando

lhe diziam “o cálculo é bom para você”, Sagan agora podia ver por si mesmo a utilidade da disciplina e poderia usá-la para resolver problemas que achava que deviam ser resolvidos.

Em seus primeiros anos, as crianças são movidas por uma curiosidade genuína, olham para o mundo, envoltas em admiração, e não tomam nada como certo. Elas não lidam com a vida supondo que sabem (ou deveriam saber) as respostas, mas com o desejo de experimentar e assimilar.

Podem fazer perguntas como: *Se o mundo está girando, por que estamos parados? Por que o solo parece frio se o núcleo da Terra é tão quente? Como as nuvens flutuam sem cair?* Essas perguntas fantásticas irritam os adultos, que acreditam que elas são totalmente irrelevantes. (Pare um momento e tente respondê-las.)

Segundo Neil Postman, “As crianças entram na escola como pontos de interrogação e saem como pontos-finais”.⁴ Muitas vezes, as escolas curam os alunos da curiosidade, dissipando qualquer desejo que tenham de buscar o que lhes interessa. Em vez de fazer suas próprias perguntas e descobrir suas próprias respostas, os alunos são obrigados a memorizar as respostas de outra pessoa para as perguntas de outra pessoa.

Quando os alunos gostam do que aprendem, fazer os deveres escolares não parece trabalho, mas uma brincadeira. Gostar da escola também aumenta o desempenho acadêmico. Em um estudo com mais de 12 mil alunos no Reino Unido, quem relatou gostar da escola aos 6 anos teve um desempenho muito melhor em testes padronizados aos 16 anos, independentemente do QI ou da origem socioeconômica.⁵

Quando eu tinha 5 anos, meus pais me matricularam no jardim de infância. Em vez de escolher a minha pré-escola, como a maioria dos pais faz, eles me disseram que eu mesmo faria a escolha. Sem meu conhecimento, já haviam pesquisado as pré-escolas das redondezas, encontraram três que eram adequadas e acessíveis e, depois, as apresentaram a mim.

Visitamos cada uma delas e pude fazer as perguntas que eram importantes para mim (“Aqui tem quais brinquedos?”). Esse foi um mo-

mento formativo — que guardo comigo até hoje. Pela primeira vez na minha vida, me senti empoderado para fazer minhas próprias escolhas dentro dos limites que meus pais haviam estabelecido. Eu pude pensar por mim mesmo, em vez de depender do pensamento alheio.

Dizer às crianças para “assistir a isso” ou “fazer aquilo” não é bom o bastante — assim como a instrução “aprenda cálculo” não foi boa o suficiente para Sagan. Mas se você permitir que as pessoas sigam seus próprios interesses — e se comprometam com um destino que consideram importante —, elas ganharão vida.

Gaste menos tempo no “o quê”, por exemplo, *É isso que estamos fazendo*, e mais tempo no “porquê”, como em *Este é o porquê de estarmos fazendo isso*. Mostre ao seu filho como a geometria e as frações o ajudarão a consertar a bicicleta. Explique aos seus funcionários como a nova estratégia de marketing que precisam executar ajudará a conseguir um bom resultado. Reúna seus clientes incorporando um propósito no coração do que você faz.

Se fizer isso, o aluno se tornará um aprendiz, o funcionário se tornará um membro da equipe, e o cliente se tornará um defensor apaixonado.

Porque o problema não é com eles.

Eles só precisam ir para a aula de dança.

Assim que eles se moverem, moverão o mundo.

“O que você aprendeu na escola hoje?”

A osmose é o processo pelo qual as moléculas passam através de uma membrana semipermeável a fim de equilibrar as concentrações.

Eu estava andando de um lado para o outro memorizando material para minha prova de biologia do ensino médio. Andar me colocava em transe, permitindo que a membrana semipermeável que é meu cérebro absorvesse as moléculas de informação que eu deveria aprender.

Entretanto, eu não estava aprendendo nada — estava regurgitando uma série de palavras sem sentido que definiam a osmose e não

tinha ideia do que essas palavras realmente significavam. Não sabia o que tornava uma membrana semipermeável (em oposição à completamente permeável) e como raios as moléculas sabiam equilibrar as concentrações. (Será que tinham pequenos cérebros que lhes diziam o que fazer?)

Minhas outras aulas não foram diferentes. No laboratório de química, havia um resultado certo que nosso “experimento” deveria produzir. Se não o obtivéssemos — se o experimento produzisse algo inesperado —, não havia espaço para curiosidade; significava que tínhamos realizado o experimento incorretamente e seria preciso repeti-lo até “acertarmos” enquanto nossos colegas de classe iam ao cinema.

A palavra educar está relacionada à palavra latina *eductus*. E *eductus* significa “eduzir” ou “extrair” de uma “pessoa algo potencial ou latente”.⁶ Em outras palavras, a educação deve ajudar os alunos a desenvolver e amadurecer o que já está dentro deles.

A maioria dos sistemas educacionais faz o contrário.

Não há extração, apenas preenchimento — de conhecimento e fatos. O professor enche os tanques vazios das mentes jovens com o “conteúdo” do curso, e o aluno absorve o conhecimento por osmose e o regurgita na prova. A educação é toda sobre o acúmulo passivo das respostas de ontem às perguntas de ontem. Os alunos não são ensinados a revisar fatos antigos, gerar o conhecimento de amanhã e responder a perguntas que nem sequer foram feitas.

Memorizar não é entender.

Não se pode aprender ioga memorizando posições de ioga. Não se pode aprender a andar de bicicleta lendo um livro sobre isso. E não se pode aprender ciência memorizando a definição de osmose. Como diz Richard Feynman, há uma diferença “entre saber o nome de algo e saber algo”.⁷

Essa abordagem verbal de ensino joga o foco na pessoa que está na frente da turma. Muitas escolas prosperam com os alunos terceirizando seu pensamento para outra pessoa e dependendo do professor para obter a resposta certa. Professores bem-intencionados são esmagados

sob as restrições dos resultados exigidos que os levam a padronizar e ensinar para a prova. O pensamento independente é sacrificado pela conformidade simples e escalável, e a conformidade é recompensada com uma boa nota e um pedaço de papel chamado diploma.

Pior, todo o “aprendizado” acontece em um ambiente que se assemelha a uma ditadura. Há uma hierarquia estrita. Qualquer movimento não autorizado está sujeito a punição. Funções corporais essenciais requerem um passe livre. As regras são impostas arbitrariamente: mesmo que a goma de mascar não impeça o aprendizado, o comportamento ainda é punido.

Embora os educadores falem em valorizar a criatividade, muitos acabam, na prática, a desestimulando. Pesquisas mostram que os professores classificam os alunos altamente criativos como menos desejáveis na sala de aula.⁸ Essa descoberta foi replicada em vários estudos: os alunos criativos são os não convencionais, que frequentemente são desfavorecidos por seus professores.⁹

Com isso, as escolas acabam desensinando a criatividade. As crianças desaprendem a fazer arte, a se manifestar e a tomar iniciativa e fazer perguntas críticas. Elas são recompensadas por pensar como o professor, como o conselho escolar ou como o autor do livro didático — não por pensar por si mesmas ou questionar o que aprendem.

Destaquei-me nesse sistema. Eu me formei em primeiro lugar na minha turma de direito, obtendo a média de notas mais alta da história do curso. Isso não significa que eu era mais inteligente do que outros alunos ou que seria o melhor advogado graduado na minha universidade. (Na verdade, deixei a advocacia depois de apenas dois anos.) Meu GPA* indicou uma coisa e apenas uma: eu era bom em fazer provas e descobrir o que meus professores queriam. Depois de cada prova final, eu imediatamente me esquecia de tudo o que aprendera, e o pouco de que me lembrava rapidamente se desatualizava.

A maioria das provas devia ter as palavras VAMOS FINGIR inscritas em grandes letras maiúsculas na capa, para que todos estejam cientes do que está prestes a acontecer.¹⁰

* Grade Point Average, Média de Notas, em tradução livre, equivalente ao Coeficiente de Rendimento das universidades brasileiras. (N. do T.)

Vamos fingir que as perguntas desta prova são importantes.

Vamos fingir que há uma resposta única e absolutamente certa para cada questão.

Vamos fingir que a resposta foi determinada por alguém muito mais inteligente do que você.

Vamos fingir que a resposta é fixa para sempre.

Uma questão típica nesse jogo de “Vamos fingir” pode ser “Quem descobriu a América?” Ela encerra todas as dúvidas exigindo uma resposta unidimensional e eurocêntrica como “Cristóvão Colombo”.

No entanto, uma questão muito mais interessante é: “Como se descobre quem descobriu a América?”¹¹ Essa questão leva a ainda mais perguntas: “O que significa ‘descobrir’?”, “Já não havia milhões de pessoas vivendo na América quando os europeus chegaram?”, “Os nativos sempre estiveram aqui? Se não, como vieram para cá? A pé? De barco? De onde?”, “Como investigar isso?”

Essas perguntas — que desafiam respostas simples — são do tipo que os alunos encontrarão na vida real. Esses estudantes deixam a escola perfeitamente equipados para prosperar em um mundo que não existe fora da sala de aula e se sentem perdidos, porque na vida não há problemas claramente definidos com uma solução única e também claramente definida.

No decurso da vida, a figura de autoridade pode mudar — digamos, de um professor para um gerente —, mas a abordagem básica permanece a mesma. O gerente exige anuência, e o trabalhador anuí, então a empresa fica atolada em dogmas e na resistência à mudança.

Sendo assim, vamos parar de perguntar: “O que você aprendeu na escola hoje?” Essa questão perpetua a concepção ultrapassada da educação como um empreendimento cujo único propósito é ensinar aos alunos as respostas certas.

Em vez disso, perguntemos “O que te deixou curioso hoje?”, ou “Quais perguntas você está interessado em explorar?”, ou “Como você descobriria as respostas?”, ou qualquer outra destinada a fazer

com que os alunos pensem por si mesmos e coloquem um ponto de interrogação no fim da sabedoria convencional.

Se uma criança lhe perguntar “Como os dinossauros morreram?”, resista ao impulso de iniciar uma lição sobre um asteroide atingindo a Terra. Em vez disso, pergunte: “O que você acha que poderia tê-los matado? Como você descobriria isso?” Quando ela lhe der uma resposta, peça-lhe mais. Deixe-a ver que, muitas vezes, há mais de uma maneira de enquadrar a pergunta e mais de uma resposta possível para ela.

Se um funcionário vier até você e perguntar “O que devo fazer sobre esse problema?”, não dê uma solução rápida e eficiente logo de cara. Deixe-o sugerir soluções por conta própria. Quando você dá respostas certas aos outros, está agindo como um *personal trainer* que “ajuda” os clientes levantando os pesos para eles.

No fim das contas, a capacidade de reimaginar a sabedoria convencional é muito mais importante do que a capacidade de regurgitá-la.

Para onde foram todos os artistas?

“Quantos artistas há na sala?”

Essa é a pergunta que Gordon MacKenzie, um artista de longa data da Hallmark Cards, fazia enquanto visitava escolas.¹²

A resposta era sempre a mesma.

Na primeira série, todas as crianças saltavam de seus assentos e levantavam as mãos.

Na terceira série, cerca de dez em cada trinta crianças levantavam as mãos.

Na sexta série, apenas um ou dois levantariam as mãos, com relutância — enquanto outros na classe olhavam em volta para ver quem admitiria tal desvio.

“Toda criança é uma artista”, disse Pablo Picasso. “O problema é como permanecer uma artista quando ela crescer.”¹³ À medida que os

financiamentos estudantis e imobiliários começam a aumentar, ficamos presos em padrões antigos e perdemos de vista o artista interior.

Nosso vocabulário reflete essa mudança. A gente nem chama mais de “arte”. Chamamos de “conteúdo”. Uma parte de mim morre por dentro quando alguém se chama de “criador de conteúdo”.

Conteúdo é algo que se coloca dentro de uma bolsa, que se produz em uma linha de montagem. Ninguém quer se levantar de manhã e ler o conteúdo durante o café. E nenhum criador que realmente se preze quer gerar conteúdo também.

Porque o conteúdo é normal. O conteúdo é fungível. Os criadores de conteúdo podem ser substituídos. Os artistas não.

Arte não é apenas algo que artistas mal remunerados fazem em um estúdio e não está relacionada apenas a objetos. Contanto que você esteja reimaginando o status quo — que esteja perturbando a paz, na frase memorável de James Baldwin —, qualquer coisa que faça em sua vida pode ser arte.

A nova estratégia que você projeta no trabalho é arte.

A maneira como cria seus filhos é arte.

A maneira como decora sua casa é arte.

A maneira como fala, a maneira como sorri, a maneira como vive sua vida — é tudo arte.

Se você chamar suas criações de “conteúdo” ou se recusar a pensar em si mesmo como artista, os resultados refletirão essa mentalidade. Suas criações serão comuns. Você reforçará o status quo, entediando as pessoas até não poder mais. E estará descontroladamente fora de contato com um mundo em rápida evolução que exige que todos nós sejamos artistas.

A filha de 7 anos do artista Howard Ikemoto uma vez lhe perguntou: “O que você faz no trabalho?”¹⁴ Ele respondeu: “Trabalho em uma faculdade, onde meu dever é ensinar as pessoas a desenhar.” Ela respondeu, perplexa: “Então elas se esqueceram?”

Sim. Já se olhou no espelho e se perguntou o que aconteceu? Você provavelmente não se sente tão velho quanto parece. É porque há um centro eterno dentro de você que permaneceu jovem, mesmo que seu corpo tenha envelhecido fisicamente. E há um artista com um estúdio permanente nesse centro atemporal — um aluno da primeira série dentro de você saltando de seu assento para dizer ao mundo que é um artista. Quanto mais pudermos nos reconectar com esse artista interior e recapturar nossa maravilha juvenil, melhor estaremos.

Então saque seu giz de cera e sua tinta metafóricas para pintar com os dedos.

Sua tela em branco está esperando por você.

O que você criará?

AMOSTRA